

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 16

Português 12.º ANO

Tema 3: Poesia dos Heterónimos

Subtema 3: Ricardo Reis - *O Clássico*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Ricardo Reis, no poema *Mestre, são plácidas*, oferece-nos uma valiosa lição sobre a aceitação serena do tempo e do destino. A sua filosofia estoica ensina-nos a encontrar tranquilidade perante a fugacidade da vida, revelando como podemos colher beleza nos momentos simples, enquanto enfrentamos, com sabedoria e calma, a inexorabilidade do tempo — um ensinamento particularmente relevante no nosso acelerado mundo atual.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:

- Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.
- Fazer apresentações orais para apresentação de sínteses e de temas escolhidos autonomamente ou requeridos por outros.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e tratamento da informação.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas no século XX.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto poético e do texto narrativo.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas, exposições sobre um tema.
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.



COMO VOU APRENDER?

GTA 16: *Mestre, são plácidas e a inexorabilidade do tempo*

GTA 17: *Vem sentar-te comigo, Lídia à beira do rio e o convite à contemplação*

GTA 18: *Segue o teu destino ou a filosofia do desapego*

Tema 3: Poesia dos Heterónimos

Subtema 3: Ricardo Reis - *O Clássico*GTA 16: *Mestre, são plácidas* e a inexorabilidade do tempo**Objetivos:**

- Analisar o poema *Mestre, são plácidas* como expressão da filosofia estoica de Ricardo Reis, o poeta "clássico".
- Identificar no poema os elementos que revelam a atitude de placidez e resignação face à inexorabilidade do tempo.
- Explorar como Reis encena a consciência da mortalidade através da aceitação serena do destino.
- Reconhecer as referências à mitologia clássica, particularmente a Cronos/Saturno, como símbolo do tempo destruidor.
- Refletir sobre a proposta de ataraxia (ausência de perturbação) como resposta à certeza da finitude humana.

Modalidade de trabalho: pequenos grupos e individual.

Recursos e materiais: manual, cadernos e *internet*.

**ETAPA 1: Exercício Introdutório - O Mundo da Antiguidade e a Cultura Clássica**

Observa atentamente a obra *Primavera* de Botticelli e **assiste** a um excerto da dança-ópera *Orpheu e Eurídice* do produtor Christoph W. Gluck (**vê** até ao minuto 09:30).



Primavera (c. 1482). Sandro Botticelli, Galeria Uffizi, Florença, Itália.



Orpheus und Eurydike,
Christoph W. Gluck, 2008



Tendo o que observaste, **realiza** agora as seguintes atividades:

1. Para cada uma das obras, **identifica**:

- ❖ As figuras mitológicas representadas;
- ❖ A atmosfera/sentimento que transmitem;
- ❖ Os elementos da tradição clássica presentes.

2. Agora **responde** no teu caderno:

- ❖ De que forma estas obras dialogam com o passado greco-romano?
- ❖ Que valores estéticos e filosóficos predominam nestas representações?
- ❖ Que sensações estas obras te provocam?

ETAPA 2: Interpretação de um poema

Ouve a recitação do poema *Mestre, são plácidas* de Fernando Pessoa da autoria de Sinde Filipe e, de seguida, **reflete** sobre o que ouviste.

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos.
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

A beira-rio,
A beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o Sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.



[Mestre, são plácidas de Fernando Pessoa, dito pelo ator José Sinde Filipe](#)

Odes de Ricardo Reis, Fernando Pessoa, Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994).



Realiza agora as seguintes atividades no teu caderno:

1. **Relaciona** cada temática da poesia de Ricardo Reis com os versos correspondentes do poema *Mestre, são plácidas*. **Preenche** a tabela indicando quais os versos que melhor ilustram cada tema.

Temática/Aspetto filosófico	Versos do Poema
Aceitação da passagem do tempo	
Epicurismo moderado	
Indiferença estoica	
Inexorabilidade da morte	
Placidez e tranquilidade	
Aprendizagem com a natureza	
Consciência da finitude	
Ataraxia (ausência de perturbação)	

2. **Seleciona** a opção adequada a cada espaço de forma a completares o parágrafo sobre o poema Ricardo Reis.

1. O poema *Mestre, são plácidas* é uma **ode**, uma forma poética em que se a) uma ideia ou uma pessoa, neste caso, uma filosofia de vida. O campo lexical dominante é o da b) , e o sujeito poético alude a aspetos da cultura e da filosofia c) para expressar as suas ideias.

a)

1. satiriza

2. celebra

3. caracteriza

b)

1. mitologia

2. quotidiano

3. natureza

c)

1. renascentistas

2. moderna

3. clássicas

3. **Responde** às questões sobre o poema de Ricardo Reis.

A. Caracteriza a relação entre «nós» e o «Tempo».

B. Explicita um dos efeitos de sentido produzidos pelas formas verbais «saibamos» (vv. 10 e 28), «Colhamos» (v. 37) e «Molhemos» (v. 38).

C. Interpreta o valor simbólico das referências às «flores» (vv. 6 e 37), aos «Girassóis» (v. 43) e aos «rios» (v. 40).

D. Refere a importância, no texto, do vocabulário relativo à ideia de calma.

E. Sintetiza a filosofia de vida expressa no poema.

Exercício retirado de *Exame Nacional do Ensino Secundário - Prova Escrita de Português B - 2.ª Fase*. 12.º Ano de Escolaridade, Ensino Secundário 2002.



ETAPA 3: Exercício de Compreensão e Análise Textual

Lê o seguinte texto da autoria de Tolentino Mendonça:

É-nos dito e repetido que o tempo bem aproveitado é um contínuo, tendencialmente ininterrupto, que devemos esticar e levar ao limite. A maioria de nós vive nessa linha de fronteira, em esforçada e insatisfeita cadência, a desejar, no fundo, que a vida seja o que ela não é: que as horas do dia sejam ⁵mais e maiores, que a noite não adormeça nunca, que os fins de semana cheguem para nos salvar a face diante de tudo o que fica adiado.

Quantas vezes damos por nós a concordar automaticamente com o lugar-comum: «precisava que o dia tivesse quarenta e oito horas» ou «precisava de meses de quarenta dias».

¹⁰Desconfio que não seja disso exatamente que precisamos. Bastaria, aliás, reparar nos efeitos colaterais das nossas vidas sobreocupadas, no que fica para trás, no que deixámos por dizer ou acompanhar. Sem darmos bem conta, à medida que os picos de atividade se agigantam, as nossas casas vão-se assemelhando a casas devolutas, esvaziadas de verdadeira presença; a língua ¹⁵que falamos torna-se incompreensível como uma língua sem falantes no mundo mais próximo; e, mesmo que habitemos a mesma geografia e as mesmas relações, parece que, de repente, isso deixou de ser para nós uma pátria e se tornou uma espécie de terra de ninguém.

O ponto de sabedoria é aceitar que o tempo não estica, que ele é ²⁰incrivelmente breve e que, por isso, temos de o viver com o equilíbrio possível. Não nos podemos iludir com a lógica das compensações: que o tempo que roubamos, por exemplo, às pessoas que amamos procuraremos devolvê-lo de outra maneira, organizando um programa ou comprando-lhes isto e aquilo; ou que o que retiramos ao repouso e à contemplação vamos tentar compensar ²⁵numas férias extravagantes. A gestão do tempo é uma aprendizagem que, como indivíduos e como sociedade, precisamos de fazer.

Nisto do tempo, por vezes, é mais importante saber acabar do que começar, e mais vital suspender do que continuar. [...] Isso implica, não raro, um exercício de desprendimento e de pobreza. Aceitar que não atingimos todos os ³⁰objetivos a que nos tínhamos proposto. Aceitar que aquilo aonde chegamos é ainda uma versão provisória, inacabada, cheia de imperfeições.

Aceitar que nos faltam as forças, que há uma frescura de pensamento que não obtemos mecanicamente pela mera insistência. Aceitar porventura que amanhã teremos de recomeçar do zero e pela enésima vez.

³⁵Creio que o momento de viragem acontece quando olhamos de outra forma para o inacabado, não apenas como indicador ou sintoma de carência, mas como condição inescusável do próprio ser. Ser é habitar, em criativa continuação, o seu próprio inacabado e o do mundo.

José Tolentino Mendonça, «A arte do inacabado», in Que Coisa São as Nuvens, Paço de Arcos, Expresso | Impresa Publishing, 2015, pp. 35-36.



Responde agora às seguintes questões selecionando a opção que consideras correta.

1. Na perspectiva do autor, a dificuldade sentida pela «maioria de nós» (linhas 2 e 3) em aproveitar bem o tempo provoca, geralmente, uma reação de...

- (A) revolta.
- (B) aceitação.
- (C) frustração.
- (D) tédio.

2. Como estratégia para lidar com os «efeitos colaterais das nossas vidas sobreocupadas» (linha 11), o autor recomenda ao leitor que...

- (A) compense, de forma criativa, o pouco tempo destinado ao sono, ao lazer e às pessoas amadas.
- (B) opte pela simplicidade do que é verdadeiramente essencial, libertando a sua casa do supérfluo.
- (C) privilegie sem remorsos a vivência do momento presente, adiando as tarefas indefinidamente.
- (D) acolha com naturalidade a incompletude, reconhecendo as vantagens de parar e de reiniciar.

3. Em «parece que, de repente, isso deixou de ser para nós uma pátria e se tornou uma espécie de terra de ninguém» (linhas 17 e 18), o autor recorre...

- (A) à metáfora para evidenciar o esvaziamento do sentimento de pertença, devido à falta de conexão nas relações humanas.
- (B) à antítese para evidenciar o desvanecimento da identidade nacional, causado pela existência de pessoas falando diferentes línguas.
- (C) à antítese para evidenciar o desvanecimento da identidade nacional, causado pelo isolamento que caracteriza as sociedades modernas.
- (D) à metáfora para evidenciar o esvaziamento do sentimento de pertença, devido ao distanciamento geográfico entre as pessoas.

4. Através da reflexão desenvolvida ao longo do texto, o autor pretende sobretudo...

- (A) valorizar a alternância entre períodos de atividade e períodos de inatividade.
- (B) enaltecer o aproveitamento ininterrupto do tempo face aos objetivos traçados.
- (C) exortar a uma atitude eminentemente contemplativa na rotina quotidiana.
- (D) contestar a alienação face ao que é verdadeiramente importante na vida.



5. No contexto em que ocorre, a expressão «devemos esticar e levar ao limite» (linha 2) exprime...
- (A) a modalidade apreciativa.
 - (B) a modalidade deôntica com valor de permissão.
 - (C) a modalidade deôntica com valor de obrigação.
 - (D) a modalidade epistémica com valor de probabilidade.
6. A expressão «do tempo» (linha 25) e o pronome «nos» (linha 21) desempenham as funções sintáticas...
- (A) de modificador do nome, no primeiro caso, e de complemento direto, no segundo caso.
 - (B) de complemento do nome, no primeiro caso, e de complemento direto, no segundo caso.
 - (C) de complemento do nome, no primeiro caso, e de complemento indireto, no segundo caso.
 - (D) de modificador do nome, no primeiro caso, e de complemento indireto, no segundo caso.
7. Todas as orações abaixo identificadas são subordinadas substantivas completivas, exceto...
- (A) a oração iniciada por «que» na linha 8.
 - (B) a oração iniciada por «que» na linha 33.
 - (C) a oração iniciada por «que» na linha 24.
 - (D) a oração iniciada por «que» na linha 35.

Exercício retirado de *Exame Final Nacional de Português (639) - 2.ª Fase. 12.º Ano de Escolaridade, Ensino Secundário, 2024.*



Caso tenhas dúvidas, explora os seguintes recursos.



[Modificador do nome vs
Complemento do nome in
Ciberdúvidas da Língua
Portuguesa](#)



[Valor Modal, in
Estudo Autónomo](#)



[Orações Subordinadas
Substantivas, in
Estudo Autónomo](#)



Proposta de Resolução – Etapa 1

1. Análise das obras:

Obra: *Primavera* de Sandro Botticelli

Na obra *Primavera* de Botticelli, podemos identificar várias figuras mitológicas representadas num cenário idílico. Destacam-se Vénus, posicionada no centro da composição como figura de equilíbrio e harmonia; Mercúrio à esquerda, identificável pelo seu caduceu; as Três Graças dançando à direita de Vénus; Flora, adornada com flores no seu vestido; Zéfiro, perseguindo a ninfa Clóris na extremidade direita; e Cupido, que paira acima de Vénus.

A atmosfera transmitida pela obra é de serenidade e harmonia, aliada a uma celebração da beleza e da natureza em renovação. Toda a composição evoca elegância e movimento gracioso, transmitindo uma sensação de equilíbrio e ordem natural.

Quanto aos elementos da tradição clássica presentes, destacam-se a temática mitológica greco-romana, a representação idealizada do corpo humano, a composição equilibrada e harmoniosa, o rico simbolismo alegórico, as vestes e drapeados de inspiração clássica e a ambientação num bosque idílico semelhante aos descritos na literatura clássica.

Obra: *Orpheu e Eurídice* de Cristoph W. Gluck (excerto)

No excerto da dança-ópera *Orpheu e Eurídice* de Gluck, as figuras mitológicas centrais são Orfeu, o protagonista e músico dotado; Eurídice, a sua amada falecida; Amor/Cupido, que surge como mensageiro divino; e diversas figuras do submundo, representadas como espíritos ou sombras.

A atmosfera predominante é de tragédia e melancolia, permeada por tensão dramática. Sente-se o amor profundo e o desespero de Orfeu, criando um poderoso contraste entre a beleza da música e o sofrimento humano. Há também um sentido de transcendência pela arte, particularmente pela música.

Os elementos da tradição clássica manifestam-se através da narrativa mitológica centrada nos temas universais do amor e da morte; da representação da música e poesia como forças transformadoras; da estrutura que evoca a tragédia clássica e do diálogo constante entre o mundo terreno e o transcendente, tão característico do pensamento greco-romano.

2. Respostas às questões:

De que forma estas obras dialogam com o passado greco-romano?

Ambas as obras recuperam diretamente elementos da mitologia clássica, adaptando-os às suas linguagens artísticas. A *Primavera* de Botticelli reinterpreta figuras mitológicas num estilo renascentista que preserva os ideais de harmonia e proporção clássicos. A ópera de Gluck, por sua vez, revitaliza uma das narrativas mitológicas mais emblemáticas, mantendo o seu carácter trágico e a reflexão sobre os limites humanos, enquanto atualiza a forma para o contexto da ópera barroca.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

Que valores estéticos e filosóficos predominam nestas representações?

Na pintura de Botticelli dominam a harmonia, o equilíbrio e a celebração da beleza como reflexo de ideais superiores, numa visão neoplatónica que valoriza a natureza cíclica e a renovação. Em *Orpheu e Eurídice*, destacam-se o confronto entre paixão e razão, a ideia do poder transformador da arte e a reflexão sobre a inevitabilidade da morte e a aceitação do destino, evocando tanto o estoicismo como a valorização clássica da arte como meio de transcendência.

Que sensações estas obras te provocam?

As obras evocam sensações complementares: a *Primavera* transmite serenidade, contemplação e maravilhamento perante a beleza harmónica e a exuberância da natureza, enquanto *Orpheu e Eurídice* desperta emoções mais intensas de melancolia, tensão dramática e comoção perante o amor e a perda, aliadas a um sentimento de admiração pela beleza da música como expressão do sofrimento humano.

Proposta de Resolução – Etapa 2

1.

Temática/Aspetto filosófico	Versos do poema
Aceitação da passagem do tempo	"O tempo passa, / Não nos diz nada. / Envelhecemos. / Saibamos, quase / Maliciosos, / Sentir-nos ir."
Epicurismo moderado	"Colhemos flores. / Molhemos leves / As nossas mãos / Nos rios calmos"
Indiferença estoica	"Não vale a pena / Fazer um gesto. / Não se resiste / Ao deus atroz"
Inexorabilidade da morte	"Não se resiste / Ao deus atroz / Que os próprios filhos / Devora sempre."
Placidez e tranquilidade	"Mestre, são plácidas / Todas as horas / Que nós perdemos." e "Tranquilos, plácidos"
Aprendizagem com a natureza	"Tendo as crianças / Por nossas mestras, / E os olhos cheios / De Natureza..."
Consciência da finitude	"Da vida iremos / Tranquilos, tendo / Nem o remorso / De ter vivido."
Ataraxia (ausência de perturbação)	"Não há tristezas / Nem alegrias / Na nossa vida."



2. O poema *Mestre, são plácidas* é uma ode, uma forma poética em que se **celebra** uma ideia ou uma pessoa, neste caso, uma filosofia de vida. O campo lexical dominante é o da **natureza**, e o sujeito poético alude a aspetos da cultura e da filosofia **clássicas** para expressar as suas ideias.

3.

A. Caracteriza a relação entre «nós» e o «Tempo».

A relação entre o sujeito poético coletivo ("nós") e o Tempo é de aceitação serena. O Tempo surge como força inexorável e silenciosa ("O tempo passa, / Não nos diz nada") que não pode ser contrariada, mas que pode ser vivida com placidez através de uma atitude filosófica que transforma a consciência da finitude em sabedoria ("Saibamos, quase / Maliciosos, / Sentir-nos ir").

B. Explicita um dos efeitos de sentido produzidos pelas formas verbais «saibamos» (vv. 10 e 28), «Colhamos» (v. 37) e «Molhemos» (v. 38).

Estas formas verbais no conjuntivo com valor imperativo constituem exortações a um programa existencial partilhado. O uso da primeira pessoa do plural cria um efeito de comunhão filosófica, enquanto o modo conjuntivo suaviza o tom imperativo, transformando-o em conselho ou proposta de caminho para a serenidade face à finitude.

C. Interpreta o valor simbólico das referências às «flores» (vv. 6 e 37), aos «Girassóis» (v. 43) e aos «rios» (v. 40).

As "flores" simbolizam os pequenos prazeres que dão sentido ao tempo; os "rios" representam o fluxo natural e sereno que devemos imitar; os "Girassóis" simbolizam a atitude ideal de orientação constante para a luz (o "Sol"), mantendo firmeza de propósito mesmo conhecendo o fim inevitável.

D. Refere a importância, no texto, do vocabulário relativo à ideia de calma.

O vocabulário associado à calma ("plácidas", "tranquilos", "leve descanso", "rios calmos") é estruturante, definindo o ideal filosófico epicurista e estoico de Ricardo Reis. Este campo lexical reforça a atitude de serenidade face à passagem do tempo e cria um ritmo cadenciado que mimetiza a própria tranquilidade proposta como ideal de vida.

E. Sintetiza a filosofia de vida expressa no poema.

O poema expressa uma filosofia que combina estoicismo (aceitação do destino) e epicurismo moderado (valorização dos pequenos prazeres). Propõe uma existência pautada pela ataraxia, sem emoções extremas, em que a vida deve ser "decorrida" com tranquilidade, aprendendo com a natureza e enfrentando o fim "sem remorso", com dignidade face ao inexorável poder do tempo.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

Proposta de Resolução – Etapa 3

Item	Resposta
1.	C
2.	D
3.	A
4.	D
5.	C
6.	B
7.	C



O QUE APRENDI?

Ficaste com uma ideia clara sobre como o poema *Mestre, são plácidas* explora a relação entre o tempo, a existência e a mortalidade na perspectiva de Ricardo Reis?

És capaz de:

- ✓ compreender como Reis aborda a passagem do tempo e a morte como fenómenos inexoráveis, perante os quais a única atitude sábia é a aceitação serena?
- ✓ explicar o conceito de "placidez" através da relação estabelecida entre o sujeito poético e os pequenos prazeres como "colher flores" e contemplar a natureza?
- ✓ reconhecer a tensão entre a proposta de indiferença estoica ("Não há tristezas / Nem alegrias") e a valorização moderada das experiências sensoriais?
- ✓ analisar como a linguagem formal e clássica do poema reflete a filosofia epicurista e estoica do heterónimo?

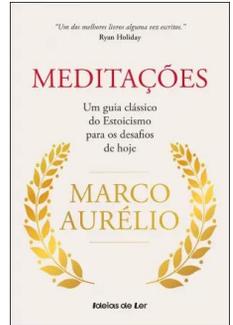


O QUE APRENDI?

Para complementar o estudo do poema *Mestre, são plácidas*, faz a leitura da obra *Meditações* de Marco Aurélio.

Esta obra-chave do estoicismo explora temas centrais em Ricardo Reis: a aceitação serena do destino, a relação equilibrada com o tempo e a busca de tranquilidade interior. Marco Aurélio, como Reis, defende uma postura digna perante o inexorável fluxo temporal, valorizando a moderação e rejeitando emoções extremas.

Especialmente relevante é a forma como ambos os autores encontram na natureza lições para a conduta humana. Esta leitura complementar aprofunda a compreensão do epicurismo moderado e do estoicismo de Reis como parte de uma tradição clássica que valoriza a ataraxia e a aceitação da condição humana como caminhos para a sabedoria.



Meditações, Marco Aurélio,
Ideias de Ler, 2021